

A Princesa Inacabada

Relatos de Autoconhecimento e Transexualidade



Roberto Tannenbaum – Holi

A Princesa Inacabada

A Princesa Inacabada

Relatos de autoconhecimento e transexualidade

Roberto Tannenbaum

Título: A Princesa Inacabada
Autor: Roberto Tannenbaum
Ilustrações: Roberto Tannenbaum
Capa: Holi - Pintura “A princesa Inacabada”,
Acrílica/posca sobre painel 70 cm x 50 cm.
Contato com o autor: roberto@tuta.com
Site do autor: <http://holi.art.br>
Instagram: [@holi.art.br](https://www.instagram.com/holi.art.br)
Facebook: [facebook.com/roberto.tannenbaum](https://www.facebook.com/roberto.tannenbaum)
Primeira Edição: Janeiro de 2020
ISBN 978-85-900656-2-3

Ficha Catalográfica

T166 Tannenbaum, Roberto, 1965 -

**A princesa inacabada: relatos de
autoconhecimento e transexualidade /
Roberto Tannenbaum. São Paulo: 2020.**

85p. ; 14,8 x 21 cm

ISBN 978-85-900656-2-3

**1. Biografia. 2. Autoconhecimento.
3. Transexualidade. 4. Psicologia. 5.**

Psicoterapia

I. Título

CDD 920

UDC 012

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais por tudo que fizeram por mim. Eles se foram antes que eu pudesse agradecê-los. Crescer não é fácil nem rápido. Acho que me atrasei um pouco mas sei que de alguma forma, de algum modo, eles ainda podem receber estes agradecimentos.

Sumário

Prefácio.....	8
O dia em que eu virei homem.....	9
Os meus saltos altos.....	11
A boneca sou eu.....	15
Ensaio sobre a inveja.....	18
O brilho das estrelas.....	21
Minha boneca alemã.....	23
Pega ladrão!.....	26
Histórias de gêmeos.....	28
O dia mais feliz da minha vida.....	32
O livro que mudou a minha vida.....	35
Lições no busão.....	37
A caixinha mágica da mamãe.....	39
Eu e Clemêncio.....	42
Papai Noel, cadê o meu?.....	44
O aspirador e a esponja.....	47
Lições do estupro.....	50
Meus cachorros.....	53
Síndrome de Fadiga Crônica.....	56
Uma vida em terapia.....	59
A cura do trenzinho.....	63
Minhas religiões.....	66
Deus e eu.....	69
Amor infantil.....	71
No mundo das travestis.....	73
Enquanto a saia não chega.....	76
Vendo seios de silicone seminovos.....	78
O sanfoneiro e Gisele.....	80
Compreendendo a transexualidade.....	82
O nascimento de Holi.....	85

A princesa inacabada.....	88
Considerações finais.....	90

Prefácio

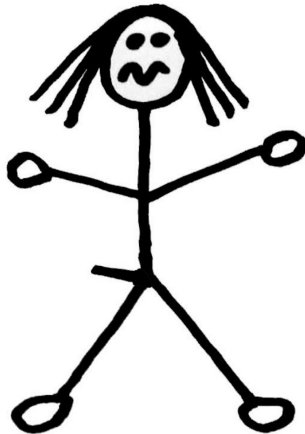
Era finalzinho de 2018 e fui passar o réveillon no sítio da família. Eu estava bastante triste. Ao arrumar a mala me veio uma ideia. Vou levar um caderno caso eu tenha vontade de escrever. E a vontade apareceu e fui escrevendo por alguns dias. Comecei escrevendo ficção mas quando decidi publicar me deu vontade de contar algumas histórias reais da minha vida, começando com “O dia em que virei menino”. Foi quando entendi por que eu tinha essa necessidade de escrever.

Era um grande armário que precisava ser aberto. Muitos cantos da minha alma precisavam de ar fresco, da luz do sol. Alguns itens tinham que sair e serem expostos. Era necessário abrir espaço para o novo.

Foi um ano publicando regularmente a cada duas semanas nas mídias sociais. O assunto predominante foi transexualidade mas também escrevi sobre outros assuntos como cachorros, religião, livros, brinquedos, Papai Noel e autoconhecimento. A ideia de transformar em livro surgiu por sugestão de alguns leitores. Complementei este livro com alguns textos inéditos.

Agradeço a todos que acompanharam online e desejo uma boa leitura.

O dia em que eu virei homem



Quase ninguém se questiona porque é homem ou mulher. Nem mesmo se pergunta se pode mudar de sexo ou se houve alguma escolha envolvida para que hoje se reconhecesse de determinado gênero.

Mas comigo foi diferente. Me lembro do dia que decidi virar homem, ou na época, menino. Até então eu me considerava menina. Me recordo de uma cena na escola, talvez com sete ou oito anos, na qual a professora dividiu

a turma em meninos e meninas. Eu alegremente me dirigi ao grupo das meninas. Elas ficaram rindo e me expulsaram dizendo que eu era menino. Então me dirigi ao grupo dos meninos. Mas estes também riram e me rejeitaram por eu ter tentado entrar no grupo das meninas. E então fiquei lá, parado, chorando, sem pertencer a grupo nenhum enquanto todos riam. Quando a professora resolveu intervir, o estrago já estava feito.

Em casa mamãe e papai se esmeravam em me lembrar que eu era menino sempre que eu me comportava como menina. Certo dia minha mãe disse que estava cansada da minha insistência em ser menina. Foi aí que, para agradá-la, decidi virar menino.

No dia que tomei esta decisão, eu não tinha a menor idéia das implicações que teria na minha vida. Mas o que acabou acontecendo foi que não virei um menino de verdade. Eu virei um zumbi.

Os meus saltos altos



Minha mãe estava sentada na beirada da cama, segurando o recibo do salário, que na época era conhecido como holerite. Eu, em plena adolescência, aproveitei que o guarda-roupa dela estava aberto e peguei um par de sapatos com saltos altos, calcei e fui caminhando trôpego em direção a ela. Ao chegar próximo falei: “sou o ladrão de saltos altos” e puxei o recibo da mão dela. Como ela não soltou, o recibo se rasgou e ela ficou bem brava. Fiquei muito envergonhado pela minha brincadeira idiota.

O significado dessa cena só pude compreender quarenta anos depois.

Já na meia idade, no final da sessão de terapia comentei que eu me sentia muito bem e feliz quando andava usando Crocs. De fato era uma imitação, cujo salto era um pouco mais alto. Foi o primeiro registro que tenho de minha relação com sapatos com salto depois do episódio na adolescência.

Meses depois, em uma vivência de grupo, me veio uma recordação de eu ainda criança querendo usar os sapatos da minha mãe. Então, na vivência, entre os outros participantes me pus a caminhar como se tivesse de saltos altos. Me veio uma sensação de poder que nunca tinha experimentado. Pude entender que quando rasguei o recibo da minha mãe na adolescência, a reação dela não foi pelo recibo em si, mas sim pelos saltos altos, que ela julgava que eu não tivesse mais interessado e a brincadeira mostrava o contrário. Também mostrava o meu desejo oculto pelos sapatos e como eu só poderia usá-los quando no papel de alguém que desobedecesse a lei, ou seja, o ladrão.

Então decidi comprar meu primeiro par de sapatos com saltos altos. Procurava nas lojas mas não me sentia à vontade em pedir para experimentar. E quando pedia, geralmente não tinha meu número. Então comprei pela internet. Na Marisa. Nem tinha salto alto. Era uma sandália delicada com um saltinho. Fiquei feliz quando

chegou e fui logo experimentando dentro de casa. Adorei mas não tive coragem de sair na rua. E deixei guardado.

Dois terapeutas e muitas sessões de terapia depois, finalmente tive coragem de experimentar os sapatos na rua. Coloquei uma calça comprida para cobrir os sapatos. Desci e comecei a dar uma volta no quarteirão. Eu simplesmente andava e chorava sem parar. Quem assistiu A Garota Dinamarquesa vai se lembrar da cena onde a protagonista sente a textura do vestido quando está posando para o retrato. Foi quase isso só que motivado pelos sapatos. Redescobri uma dimensão minha que havia perdido. Era como se de repente eu encontrasse na casa onde eu sempre morei, um quarto que desconhecia.

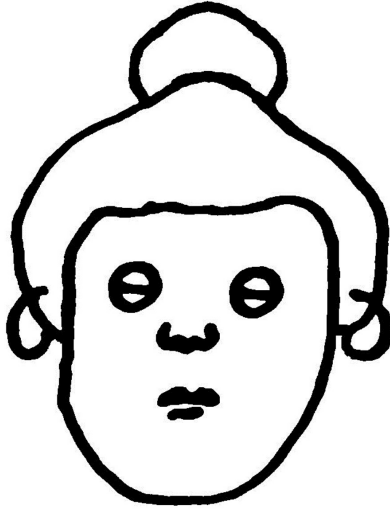
Mas tive uma recaída e desisti dos sapatos de salto. Doeí para uma instituição. Eu havia decidido que não precisava mais.

E minha vida foi parando. Tal qual um carro que pára por falta de combustível. E nada mais despertava meu interesse. Nada me motivava. Foi então que conversando com uma amiga, lembrei do momento na infância que desisti de mim. Foi quando desisti de ser menina. E então ficou claro que eu não podia desistir novamente. Voltei a comprar sapatos com saltos.

Hoje tenho quatro pares: uma botinha que uma amiga disse que não tem nada demais já que cantor sertanejo também usa para ficar mais alto; um tamanco preto que

uso quase todos os dias; um tênis de saltinho; e a grande estrela: um salto plataforma dourado, que comprei quando queria ser drag queen e que, em dias de sol, pode ser visto da estação espacial internacional. Nenhum deles tem realmente salto alto. Mas tem um salto que me deixa feliz da vida. E todos são número 40, tá ligado?

A boneca sou eu



Vou contar uma história de boneca. Me refiro aqui a boneca que as crianças brincam, especialmente as meninas, por questões culturais. Minha amiga Deinha disse sabiamente que os brinquedos das crianças já as preparam para os papéis que a sociedade espera delas. As meninas brincam de boneca para prepará-las para serem mães e os meninos brincam com carrinho para prepará-los para serem motorista do Uber.

Eu estava meditando quando tive uma visão interior muito clara. Era a cabeça de um rapaz com cabelos azuis penteados para cima, presos em coque. Sim, azuis! Concluí que se tratava de alguma drag queen e que esta visão trazia uma dica. Achei que era uma ideia de um novo negócio. Uma boneca drag queen! Ela teria várias perucas que pudessem ser trocadas. Cada peruca seria mais colorida e extravagante que a outra. A imaginação foi longe e agora já não era apenas uma boneca. Seriam várias, todas amiguinhas e com perucas intercambiáveis! Fiquei seriamente empenhado em construir um primeiro protótipo. Fui até a 25 de março e comprei perucas de várias cores para fazer as peruquinhas e comecei a modelar a boneca em cerâmica fria. Até que tive um insight. A boneca na verdade era eu!

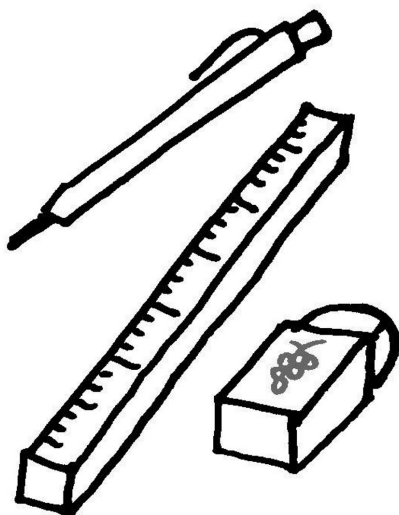
Era um insight para mostrar um caminho alternativo que se apresentava para eu viver a minha expressão feminina já que no dia a dia eu simplesmente não conseguia. Então eu poderia continuar a ser homem no cotidiano mas de vez em quando eu atuaria como drag queen para dar vazão ao meu universo feminino. Mas o fato é que eu também não conseguia ser uma drag queen. Além do mais, onde eu atuaria?

Daí eu tive uma ideia, que na época me pareceu brilhante. Eu entraria em uma ONG de palhaços de hospital e poderia atuar nos hospitais, como drag queen disfarçada de palhaço. Não é piada! Pesquisei algumas ONGs e escolhi uma. E comecei o treinamento de vários

meses. O problema é que estas instituições não querem apenas que você vá no hospital e faça palhaçada. Querem que você seja um cidadão do bem. Então no curso você deve fazer atividades do bem e para isso é necessário arrecadar fundos com bazares, rifas, bingos e essas coisas que cidadãos do bem fazem para arrecadar fundos. E eu comecei a me sentir mal. Não que a causa não fosse nobre, pois realmente era. Mas a minha motivação era outra e estava bem distante disso. Até que decidi largar o curso e a ideia alucinada de ser uma drag queen disfarçada de palhaço de hospital.

Desta fase, sobraram os sapatos com salto plataforma, dourados, reluzentes que algumas amigas dizem que fica bem em mim. Já as perucas coloridas, coloquei em uma mala e entreguei em uma instituição que tem um bazar permanente. Vai que alguém querendo fazer bonecas drag queen com perucas coloridas intercambiáveis passe por lá.

Ensaio sobre a inveja



No ensino médio, eu gostava muito de desenho e artes. Na sala tinha uma colega que me despertava a atenção. Ela era bonitinha. Aquela beleza exponencializada por tudo de bom e belo que o dinheiro pode comprar ou contratar: cabelos lindos e bem cuidados, brincos e corrente de ouro com pingente com o próprio nome, aparelhos ortodônticos perfeitos. Mas eu não tinha

inveja dela. Tinha do estojo dela. E nem estou falando daquele estojo que vinha com um macaquinho grudado e que só seria inventado vinte anos depois. Se este fosse o caso, certamente este episódio teria terminado em tragédia.

Mas voltando ao estojo que eu tanto queria, ele continha vários itens. O primeiro, para o meu completo sofrimento, era uma borracha sintética com perfume de frutas! Eu ficava desejando esta borracha como se minha vida dependesse dela. Ela apagava sem deixar vestígios! Enquanto isso eu usava uma borracha dura, que de um lado era vermelha e do outro azul. Quando eu tentava apagar com o lado vermelho, só conseguia rasgar o papel sem apagar nada. Com o lado azul conseguia um rasgo maior e mais rápido. No estojo havia ainda uma régua especial de vidro com um perfil quadrado. A régua era elegante, precisa e de vidro, se ainda não comentei. Mas para uma régua dessas, claro que o tradicional lápis preto número dois, tão usado por todos, não servia. Seria tão tosco como fazer design de sobancelhas usando luvas de boxe. Lá estava a lapiseira de ponta fina que naquela época só se comprava em Miami, ou talvez, Tokio. E as canetinhas coloridas? Sim, tinha um monte delas. Eu ficava babando por aquelas cores todas. O estojo tinha outros itens mas já deu para se ter uma ideia da minha desgraça.

O tempo passou e nunca mais vi esta colega nem seu estojo. Depois de muitos anos de estudos, me formei,

arranjei emprego e comecei a ganhar o suficiente para pagar psicoterapia e tentar comprar estes itens do estojo. A borracha sintética passou a vender em qualquer lugar, mas sem o cheirinho de frutas. A régua de vidro nunca mais vi em canto algum. Já a lapiseira e as canetinhas coloridas pude comprar, mas tantos anos depois, não tinha mais a mesma graça. Ou como dizem por aí: a grama do vizinho é sempre mais verde.

O fato é que sobrevivi a esta e tantas outras invejas. Às vezes penso que a inveja é um instrumento de Deus para nos fazer ver o tanto que temos e ainda assim não reconhecemos.

O brilho das estrelas



Eu devia estar preocupado com a miséria do mundo ou talvez a injustiça social. Há pouco, enquanto almoçava no quilo, olhava distraído para a tv e assistia indiferente a desocupação de barracos na Marginal Pinheiros. Mas agora eu já estava em casa, e tudo que passava pela cabeça era como minhas unhas estavam bonitas. O esmalte prateado reluzente tinha ficado primoroso. Para minha surpresa, ele não era tão prateado assim. Havia uma certa transparência mas o brilho era até mais impressionante na

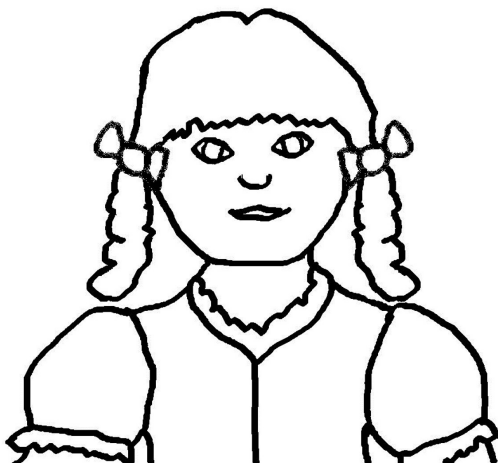
unha do que no vidrinho. Provavelmente o efeito cintilante era resultado do glitter que, soube outro dia, é um micro plástico.

Eu devia então estar preocupado com o micro plástico que uma hora sairia das minhas unhas com ajuda da acetona e entraria no sistema de esgoto ou no lixo não reciclável e se misturaria à água ou ao solo e seria então absorvido na produção de alimentos ou água mineral e uma hora chegaria ao meu estômago. Se eu roesse as unhas, poderia ganhar tempo e evitar este ciclo todo, mas minha atenção continuava no brilho das unhas.

E eu não estava fazendo a atividade que havia me proposto. Sem trabalho formal há mais de dois anos, hoje a tarde tinha reservado para trabalhar com resina na produção de algumas peças, mas estava sem vontade e só mesmo o esmalte novo para me tirar deste marasmo. Eu o havia ganho semanas antes e guardado no espelho do banheiro. E do nada resolvi testá-lo.

E sem me preocupar com a injustiça social, a miséria humana, a poluição ambiental, o meu próprio envenenamento e minha falta de trabalho, continuava olhando para o brilho hipnótico das minhas unhas. E me sentindo em paz, feliz e grato ao universo porque as minhas unhas brilhavam como as estrelas.

Minha boneca alemã



Eu estava quase completando meus 50 anos e no meio da vivência comecei a gritar que eu queria brincar com a boneca. Simplesmente, do nada, comecei a gritar e não parei mais. Nunca tive boneca alguma. Fui embora para casa, sem saber que boneca era essa que eu queria tanto brincar.

Depois de um mês fui a uma sessão de terapia, e me veio uma lembrança com o resto da história da boneca.

Havia uma choperia em Moema que eu ia com a família. Era um lugar simplesmente mágico. Não pelo chope, que eu não bebia, nem pela comida, que eu detestava. Nem mesmo pelo show das águas dançantes produzido pelas fontes, músicas e luzes coloridas bem no meio do restaurante. Mas sim pela boneca alemã que era vendida na lojinha, junto com outros souvenirs. Ela era linda, loirinha, com tranças e roupinha de garçõnete de oktoberfest. Eu a amava profundamente.

Durante o almoço, que se prolongava por horas, eram sorteados diversos itens para os clientes como canecas, chapéus, chaveiros. E justamente no sorteio da bonequinha, sim, aquela mesma que eu tanto amava, nossa mesa foi contemplada. E meus pais pediram para trocar por outro prêmio, já que éramos todos meninos. Fiquei com este grito de querer brincar com a boneca preso por décadas.

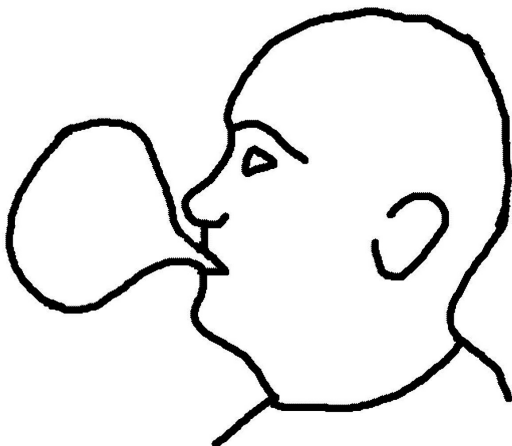
A terapeuta, ouvindo esta história, me pediu para que eu trouxesse a boneca na sessão seguinte. O restaurante não existia há mais de 30 anos. Como eu acharia a boneca? De fato não achei, mas encontrei uma usada em uma loja de velharias, que era bem parecida. Levei-a a uma costureira que fez roupas novas. Na sessão seguinte levei a bonequinha e fiquei o tempo todo abraçado a ela. Foi quando dei o nome de Helga.

Ainda levei a boneca em mais uma sessão e depois

guardei na gaveta do criado mudo. Ficou lá por anos até que resolvi doá-la para uma instituição.

Gratidão pequena Helga por ter sido depositária do meu amor.

Pega ladrão!



Eu era garoto e fui com um amigo ao supermercado. Tínhamos um plano macabro. Roubar chicletes. Eu não era um garoto mau nem desonesto. Meus pais haviam me colocado limites e me passado valores morais. Talvez por simples aventura, ou simplesmente uma ideia tola que passou pela cabeça, resolvemos ir.

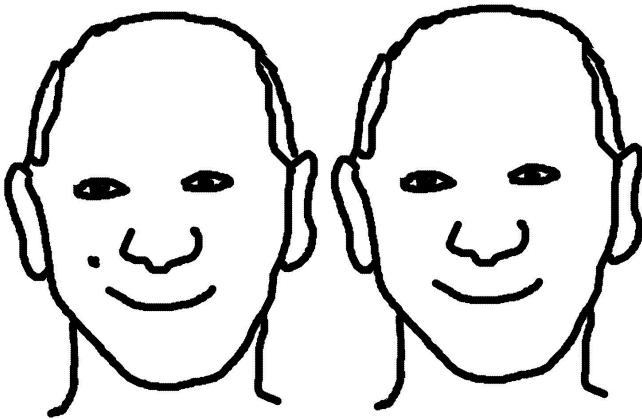
Primeiro meu amigo colocou alguns chicletes na meia. Eu achei que não era suficiente e peguei um pacote

e coloquei no bolso. Eram oito chicletes sabor Tutti-frutti. E fomos em direção a saída. Antes que pudéssemos comemorar, fomos agarrados pelo braço pelo segurança que nos conduziu até o banheiro. Nos revistou e pegou de volta os chicletes. Disse que tinha uma kombi cheia de moleques como a gente e que seriam levados para a Febem, mas se prometêssemos não voltar mais ao supermercado, ele nos deixaria ir para casa. Claro que aceitamos a oferta e fomos embora. Não contei esta história para ninguém.

Alguns anos depois eu estava conversando com meu irmão e meu amigo quando este contou a história dos chicletes. Meu irmão simplesmente não acreditou. Eu, cheio de vergonha, tive que admitir que era verdade. E esta história desapareceu novamente da vista.

E três décadas depois o episódio retornou à memória carregado de emoção. Desta vez não para ensinar que não se deve roubar nem mentir pois isto eu já havia entendido. Veio para ensinar a importância do perdão. Quantos erros eu cometi nessa vida? Quantos outros erros ainda cometerei? Me perdoe por todos os meus erros. Compreendo que eu nasci aqui justamente para isso: errar, aprender, perdoar, me perdoar e amar.

Histórias de gêmeos



Muita gente não sabe mas tenho um irmão gêmeo idêntico. E por isso a vida foi nos trazendo algumas situações engraçadas e inusitadas. Resolvi listar algumas.

Eu estava entrando sozinho no cinema e do nada recebo um pé na bunda, literalmente. Ao me virar e não reconhecer a pessoa que me chutou logo entendi o engano. Mas quando expliquei a situação para a pessoa, deu até pena de tão constrangido que ela ficou por ter chutado a

bunda errada.

Meu irmão foi fazer uma entrevista de emprego na mesma empresa que eu trabalhava. Quando ele chegou e se apresentou para a secretária, ela me chamou e a TODOS os funcionários do andar para que pudessem nos ver e comparar. Me senti como um bicho no zoológico.

Marquei com meu irmão no café que ficava no meio do caminho entre nossas casas. Me vesti com uma camiseta polo listrada que raramente usava e uma bermuda azul. Chegando lá vi que meu irmão estava vestindo exatamente a mesma roupa. Entramos no café e a funcionária falou: “que lindinhos! Vieram de gêmeos!”

Eu trabalhava com meus irmãos na empresa de informática da família. Além do gêmeo tenho dois irmãos mais velhos que tem também alguma semelhança física conosco. Nós quatro estávamos indo almoçar perto do escritório, como fazíamos todo dia, quando uma senhora veio correndo em nossa direção e perguntou: “Vocês que são os gêmeos de Moema?” Vi que ela ficou um pouco frustrada quando soube que só dois eram gêmeos.

Fui a um evento social e encontrei uma colega da faculdade. Fazia muitos anos que não a via e não sabia se ela me reconheceria. Mas como ela abriu um generoso sorriso quando me viu então fui conversar com ela. No meio da conversa vi que algumas coisas que ela falava não faziam sentido. Foi quando entendi que ela de fato não

tinha me reconhecido. Ela achava que eu era meu irmão com quem ela trabalhou anos depois e era de lá que ela se lembrava “de mim”. Fiquei bem decepcionado.

Fui com meu outro irmão, que não é gêmeo, ao supermercado. No caixa a atendente olhou a nossa semelhança e perguntou: “Vocês são gêmeos?”. Para confusão completa da funcionária meu irmão respondeu: “ele é mas eu não sou”.

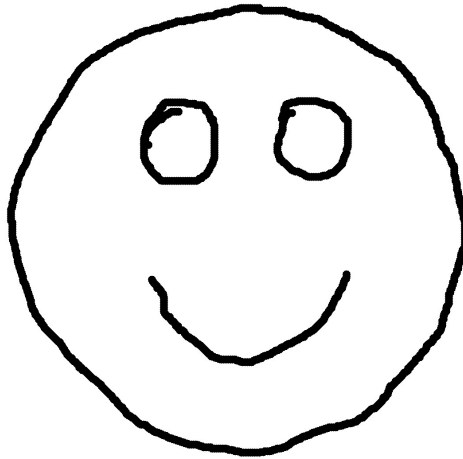
Quando fiz o alistamento militar, por preguiça ou por economia, ao invés de tirar fotos para o documento, simplesmente peguei uma foto do meu irmão (ou talvez tenha sido o contrário). Acabamos convocados para fazer o exame médico no mesmo dia. Então cada soldado que pedia nossos documentos, olhava para as fotos, depois para os nossos rostos. Um ou outro comentava que éramos muito parecidos. Eu estava bem tenso por causa da fraude na foto mas tudo correu bem, até que na saída, quase já fora do quartel, mais um soldado pediu os documentos. E logo de cara ele falou: “vocês usaram a mesma foto!” Eu já achava que seria preso. Daí ele comentou: “vocês são espertos. Eu também usaria a mesma foto” e nos liberou.

Para parentes que não conviviam conosco, o que se sabia sobre os gêmeos era que um deles era solteiro e o outro era casado e com filhos. Pois para convidar para uma festa de casamento, um tio ligou em casa no dia da faxineira. Como ela quem atendeu, meu tio pensou que tinha ligado para o casado. Então convidou a mim, a

faxineira e nossos filhos para a festa de casamento. Logo depois ligou para meu irmão casado e o convidou, ignorando o resto da família dele.

A pergunta que mais ouvi sobre gêmeos estes anos todos era se as namoradas não confundiam. Nunca aconteceu. Mas eu já me confundi! Claro que não pessoalmente, mas em fotos ou gravações antigas.

O dia mais feliz da minha vida



Eu estava com 16 anos, no segundo ano do ensino médio. E tinha uma colega na turma que realmente me interessava. Como ela era sempre atenciosa comigo, achei que seria legal convidá-la para um cinema. Só que haviam dois problemas: o primeiro era que eu não tinha experiência com garotas. Minha última namorada tinha sido antes da puberdade. Naquela época namorar significava duas coisas: ter com quem dançar infinitas vezes Please Mr. Postman nas festinhas e se garantir na

brincadeira do Casamento Japonês. O segundo problema era a minha timidez. Anos depois meu irmão relatou que naquela época eu era mudo. Não lembro direito como mas só sei que pedi o telefone para esta colega, que prontamente me passou.

No sábado seguinte eu estava determinado a ligar. Havia decidido que ligaria logo após o almoço já que aumentaria a chance de encontrá-la em casa e antes que já tivesse algum compromisso. Pois então almocei rapidamente e fui correndo me fechar no quarto dos meus pais onde havia uma extensão do telefone. Devo esclarecer que extensão do telefone não é um aplicativo que se baixa no celular, mesmo porque não havia celular, tá? Então peguei o telefone e liguei. Não preciso comentar aqui que estava suando mais que vencedor da maratona.

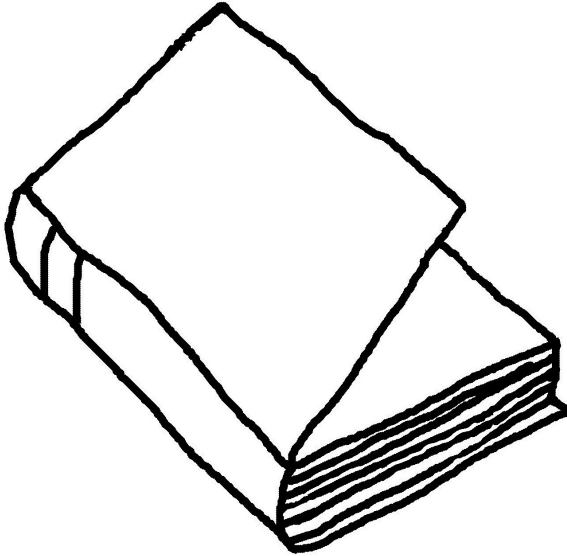
Ela foi bem bacana comigo. O simples fato de me reconhecer foi gratificante. E então fiz o esperado convite: vamos ao cinema? Ela gentilmente recusou. Disse que teria muita fila ou coisa parecida. Então me despedi e desliguei.

Fui levar o cachorro para passear. Na rua eu estava rindo à toa. Me sentia tão leve que poderia voar. Ter superado a barreira do medo e da vergonha e conseguido ligar teve um impacto tão grande que nem me incomodei com o resultado negativo da abordagem.

Durante muitos anos considerei este o dia mais feliz

da minha vida.

O livro que mudou a minha vida

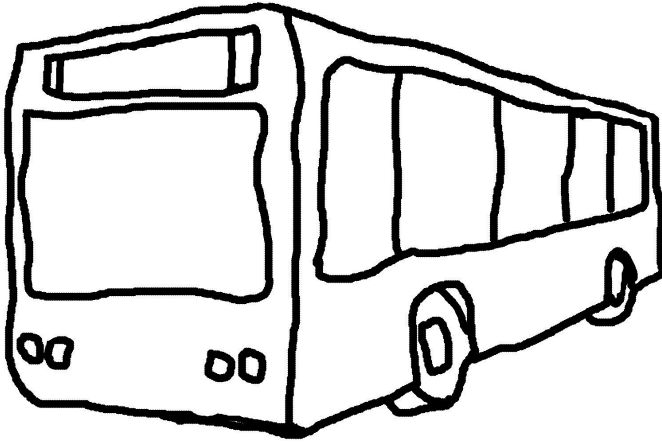


Qual é o livro que mudou a sua vida? Esta é uma pergunta que deve ser feita com cuidado. Eu não perguntaria para alguém usando gravata e segurando um livro grosso de capa preta. Não pelo livro, mas pela pessoa. Nas palavras de São Tomás de Aquino “Toma cuidado com o homem de um só livro”. Mas tenho certeza que para quase todos nós, a pergunta é válida e interessante.

Pois vou responder no meu caso. O livro se chama “Viver a vida não vivida” de Robert A. Johnson. Li o livro em 2011. Tem partes tão chatas que dá vontade de pular. Ele indica caminhos de como lidar com os sonhos que carregamos pela vida e que devido a passagem do tempo, não poderemos mais realizar. Um exemplo pessoal. Na adolescência eu sonhava ser campeão olímpico de ginástica olímpica. Aos 46 anos, quando li o livro, percebi que teria que abrir mão desse sonho, ou no mínimo ir até um centro de treinamento de ginástica e tentar me pendurar nas argolas. Mas falando sério eu tinha sonhos como ter filhos e ocupar um cargo importante em uma empresa também importante. O livro fez eu compreender com profundidade e não apenas intelectualmente que minha vida podia acabar a qualquer momento (e a sua também!). Percebi que eu tinha questões pessoais muito mal resolvidas que se arrastavam há décadas e que se eu realmente quisesse mudar, a hora era agora.

Eu costumava ficar com muita raiva por causa de situações banais da vida como alguém furar a fila ou passar no sinal vermelho. O livro me trouxe um sentimento de urgência para resolver este e tantos outros problemas. Comecei a procurar um caminho e acabei conhecendo um grupo de meditação e autoconhecimento e que foi o começo de uma jornada que continua até hoje, com muitos frutos já colhidos.

Lições no busão



Eu voltava diariamente de ônibus do trabalho. Eu pegava o ônibus na Av. Santo Amaro, no ponto da Afonso Braz e descia, quinze minutos depois, na Avenida 9 de julho, no ponto do antigo supermercado Eldorado. Era todo dia igual. Previsível e confiável, do jeito que eu gostava.

Mas naquela tarde não saiu do jeito previsto. Faltando dois pontos para eu descer, fui me encaminhando para a porta de saída até que avistei uma pessoa conhecida. Era

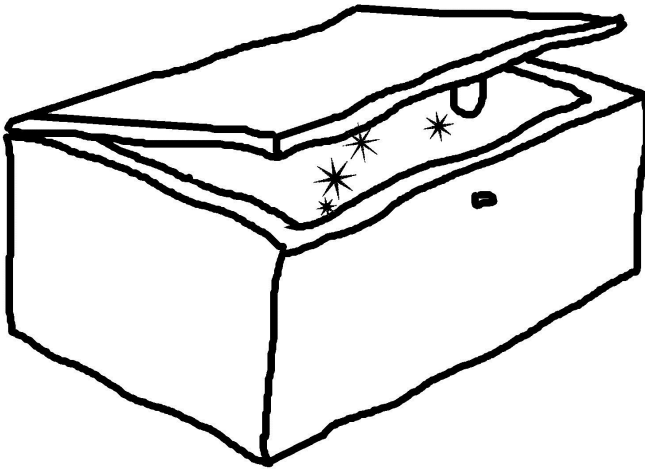
um colega que tinha estudado muitos anos comigo e talvez o mesmo número de anos que não o via. Na escola ele era considerado pobre pelos colegas. Certa vez, no seu aniversário, um de seus amigos resolveu fazer uma vaquinha para comprar uma bicicleta de presente. Quando contei para minha mãe, ela disse que sairia muito caro participar da vaquinha e comprou um presente especial, um jogo de canetas coloridas, que de fato era melhor do que os presentes que a gente costumava dar. Então no dia do aniversário vários amiguinhos foram empurrando a bicicleta novinha e eu e meu irmão fomos carregando as canetas coloridas.

Mas voltando ao ônibus, era alguém que eu preferia não encontrar. Talvez por não sermos tão próximos ou talvez por causa das canetinhas. Então parei onde estava e fiquei olhando a paisagem pela janela. O primeiro pensamento que me ocorreu foi que ele estava o tempo todo imóvel, de forma que certamente não tinha me visto. O segundo pensamento foi desesperador: me lembrei onde ele morava e concluí que desceria no mesmo ponto que eu. O terceiro pensamento visava um plano de fuga: eu desceria no outro ponto. Antes que um quarto pensamento aparecesse, ouvi uma voz: “não dá para fingir que não vi”. Não era uma voz interna minha. Era justamente a voz do meu colega que havia caminhado até mim enquanto eu olhava pela janela. A frase se referia a atitude dele mesmo, mas foi suficiente para revelar toda minha pequenez.

Como meu plano de fuga não era mais necessário,

descemos no mesmo ponto. Fomos conversando sobre a vida. Ele perguntou como estavam meus pais, meus três irmãos e meu cachorro. Ele lembrava o nome de todos, inclusive do cachorro, Jolly.

A caixinha mágica da mamãe



A caixinha mágica ficava no armário do quarto da minha mãe. Às vezes, quando ela estava guardando as roupas eu ia lá e abria a caixinha. E era imediatamente transportado para um outro universo, infinito e acolhedor. Lá as estrelas brilhavam de todas as cores. Eu ficava hipnotizado e era tomado de um súbito maravilhamento. Essa caixinha mágica era onde ela guardava as joias e bijuterias.

Passou muito tempo, mais de quatro décadas, e do nada comecei a desejar usar brincos. Depois de muito hesitar decidi fazer o procedimento! Tentei fazer o procedimento em casa, sozinho e angustiado, vendo um vídeo no YouTube. Fracassei miseravelmente. Tentei nas farmácias mas lá não faziam. Então pedi para uma amiga querida, dentista, habituada a pessoas amedrontadas. Furar a orelha até que foi simples. Note que escrevi no singular. Só furei uma das orelhas. Tal qual cirurgia de miopia que, por segurança, se faz em um olho de cada vez, resolvi furar só uma orelha para ver no que ia dar.

Fui até a rua Barão de Paranapiacaba, na Sé, comprar meu primeiro brinco. Sim, lá é mais barato! Escolhi uma pedrinha zircônia azul presa em um alfinete de ouro. Era bem pequeno. Só tempos depois soube que eram brincos para bebês. Aqueles que mães vaidosas já colocam na orelha de bebês indefesos trinta segundos depois da primeira mamada. Mas voltando ao meu brinco, já coloquei na loja mesmo e fui para casa. Na entrada do prédio eu estava morrendo de vergonha. Vai que o porteiro visse aquele brinco praticamente invisível.

Muito tempo depois passei pelo procedimento na outra orelha. E os brincos começaram a aumentar de tamanho. Uma vez eu estava com brincos com pedras azuis lindas e enormes. Me perguntaram que pedra era e tive que falar a verdade: polietileno. Um dos que eu mais gosto comprei em uma viagem para a Índia. Quando, encantado, apontei para os brincos multicoloridos, o dono

da loja falou: não se preocupe, este não é muito caro. De fato não era. Custou R\$2,50.

Cheguei a iniciar um projeto de produção de brincos. Usava resina colorida moldada em vidrinhos de penicilina que depois era conectada a um anzol de prata que prendia na orelha. Ficava delicado, bonito e original. Fiz uns de teste. Depois fui perdendo o interesse na fabricação.

Quando saio na rua sem brincos é como se tivesse esquecido uma parte de mim.

Eu e Clemêncio



Desenhar é algo que trago desde a infância. Se existe algum talento que as pessoas reconheciam em mim, em diversas fases da minha vida, era o desenho.

No ensino médio, a escola em que eu estudava tinha a matéria de Desenho Artístico. Foi um dos raros 10 que consegui na minha vida de estudante. Meu talento era reconhecido por alguns colegas que, para fechar a nota mínima e serem aprovados, precisavam entregar um

desenho no final do ano. Recebi dois pedidos de colegas e com boa vontade fiz os desenhos para eles. Hoje eu não faria. Além da fraude, era óbvio que o professor reconheceria a autoria. Naquela ocasião, ao receber os desenhos, ele comentou: “tem mão de gato nestes desenhos”. Acho que nunca mais ninguém me chamou de gato!

Retomei os desenhos depois da faculdade. Acrescentei humor e tentei me tornar cartunista. Inventei dois personagens que formavam um casal. Ele, Clemêncio, era a minha cara e meu jeito. Ela, Zuleica, era a cara, o jeito e o nome da diarista. Desenhei várias tirinhas. Elas giravam em torno do mundo da informática. Algumas foram publicadas por revistas de segmento. Com a ajuda de um querido amigo da família, consegui uma entrevista com o editor da principal revista de informática na época. Ele aprovou. Mas depois disse que a revista ia passar por uma revisão gráfica e acabou não publicando.

Juntei várias tiras e publiquei um livro por minha conta. Até hoje tenho exemplares em casa. Quando vem algum amigo me visitar, dou o livro de presente, fingindo que nunca dei. E ele finge que nunca recebeu. Mais alguns anos e eu zero o estoque.

Papai Noel, cadê o meu?



Faltam seis meses para o Natal, mas me lembrei destas histórias e vou contar agora.

Eu nunca gostei de Papai Noel. Não que eu achasse fake ou coisa do tipo. Achava simplesmente assustador. Então sempre que via um, dava um jeito de correr.

Uma vez fui com toda a família passar as festas em uma colônia de férias em Peruíbe. Na noite de Natal o

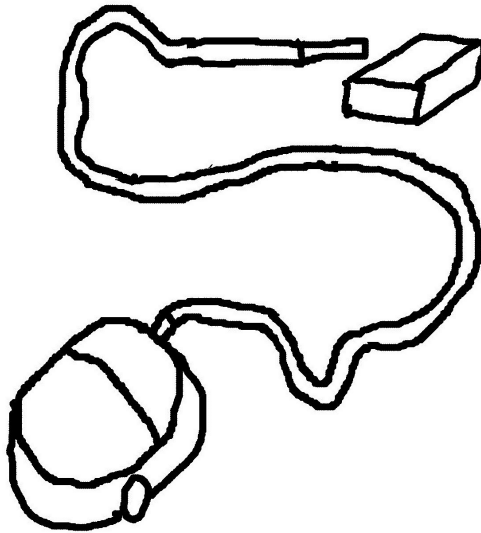
Papai Noel apareceu com um saco enorme cheio de presentes. Ele pegava um presente e procurava pelo nome que estava anotado no pacote e que identificava para qual criança o presente seria entregue. Era um acordo por baixo do pano entre os pais e o Papai Noel. E assim aos poucos ele ia chamando as crianças e o saco ia esvaziando. E eu ficava cada vez mais ansioso para que ele me chamasse. Mas não chamou. Fiquei realmente muito triste. Eu podia ver o entusiasmo das outras crianças com seus brinquedos novos e não tinha sobrado nada para mim. Devo esclarecer que fui criado na religião judaica, que não celebra o Natal. Então eu não ganhava presente de Natal. Mas com minha limitada compreensão infantil, o episódio só fez aumentar meu desgosto pelo Papai Noel.

Mas a vida é assim cheia de reviravoltas, ou às vezes, não. Então durante uma celebração de Natal que eu tinha sido convidado, o anfitrião me chamou no canto e pediu um favor. Perguntou se eu podia me vestir de Papai Noel e fazer uma performance para as crianças. Ele tinha me escolhido pois sabia que minha ausência temporária passaria despercebida e que as crianças não me reconheceriam. Eu concordei e então ele me deu um kit composto por uma fantasia vagabunda de Papai Noel e um sino. Me vesti, com direito a um travesseiro escondido na barriga, e na hora certa apareci na sala balançando o sino, carregando um saco cheio de jornal velho amassado e falando Ho-Ho-Ho. Eles eram meio que americanizados e tive realmente que falar Ho-Ho-Ho.

As crianças ficaram simplesmente alucinadas. Começaram a berrar histericamente e correr de um lado para o outro gritando Papai Noel!, Papai Noel! Pude ver que elas realmente acreditavam que algo mágico estava acontecendo, e talvez estivesse mesmo.

Se não fosse por este evento com as crianças, eu jamais teria aceitado, anos depois, ser fotografado junto com a minha ex-esposa ao lado do Papai Noel Oficial, durante nossa lua-de-mel em Gramado.

O aspirador e a esponja



A brincadeira era a seguinte: alguém pegava o aspirador de pó e aspirava a esponja da cozinha. Ouvia-se um barulho estranho, que demorava uns dois segundos e o aspirador voltava a fazer o ruído normal. Então se desligava o aparelho, abria-se o compartimento do pó e retirava a esponja de dentro. Fechava-se o aspirador que era religado e estava pronto para a próxima rodada. E lá foram meus três irmãos fazendo a brincadeira. Na quarta rodada, bem na minha vez, aspirei a esponja, mas o

barulho esquisito não parou mais. E embora no fundo já tivesse me dado conta da tragédia, desliguei o aparelho e abri o compartimento do pó com uma pequena esperança. E claro que a esponja não estava lá. Eu tinha entupido o aspirador.

Não era a primeira nem a última vez que eu quebrava alguma coisa. Eu me sentia realmente culpado, desastrado, incompetente. Ora era um brinquedo, ora um vaso, ora algum aparelho que quebrava na minha mão. Demorei quase 50 anos para entender que por trás de eventos aparentemente fortuitos se escondia uma dinâmica familiar.

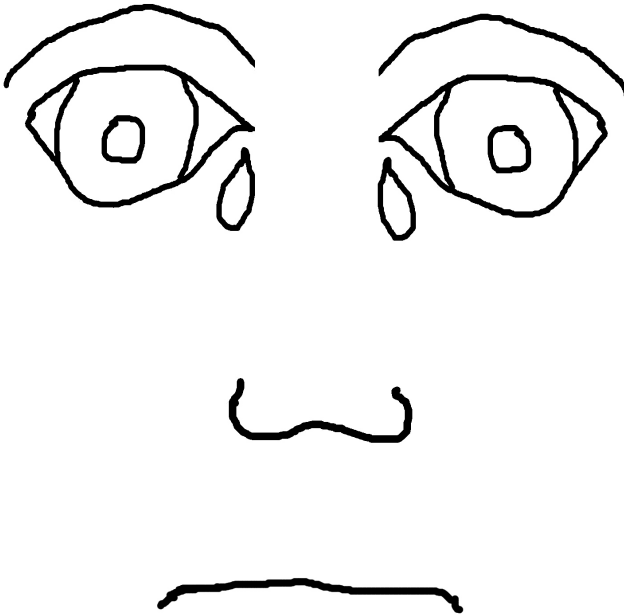
Eu era diferente, sensível e delicado. Então por brincadeira quando alguma coisa quebrava, atribuíam a mim a responsabilidade. Não me lembro se tentei refutar as afirmações, mas aos poucos eu mesmo comecei a acreditar que era o responsável pelo que dava errado. E desta forma passei, de fato, a atrair estas situações.

Lembro-me de uma visita que a família fez a nossa tia-avó. Minha mãe carregava um presente de porcelana comprado em uma viagem. Pedi a minha mãe para eu carregar o presente. Ela disse: pega, mas cuidado para não quebrar. Segundos depois eu deixei cair o presente que quebrou em vários pedaços. Foi uma situação bem difícil.

Hoje eu sinto que consegui limpar esta crença. Não me acho mais azarado e que as coisas vão quebrar nas

minhas mãos. Muito pelo contrário. Acho que posso consertar e dar vida a muita coisa. Ufa!

Lições do estupro



Fui estuproado quando era criança. Foi um momento de muita violência. Posso dizer que este evento fez eu acreditar que a vida não valia a pena. Este pensamento recorrente me perseguiu por muito tempo até que me lembrei do episódio há alguns anos.

Hoje este assunto é bem mais tranquilo. Tanto que posso compartilhar aqui. Ajuda a virar a página. Mas já tive que passar por várias etapas de cura. A primeira foi

liberar a raiva que sentia. Era imensa como se cada célula do meu corpo vibrasse no ódio. Depois vieram outras emoções reprimidas: medo, abandono, vergonha, prazer e culpa. Foram anos tratando. Não acho que encerrou mas agora é bem mais fácil.

Aprendi algumas lições também.

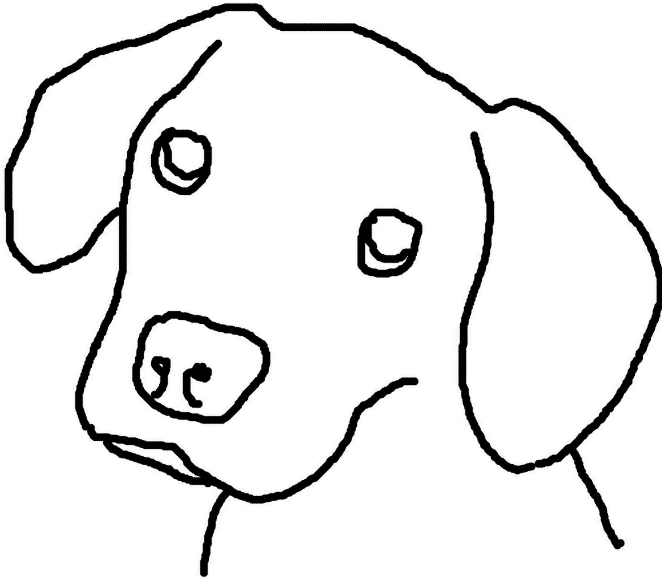
O abusado de hoje pode se tornar o abusador de amanhã. No meu caso isto não aconteceu, acredito, porque tive uma família estruturada e pais que colocavam limites. Mas alguém que cresceu sem discernimento do que é certo e do que é errado e que ainda carrega uma dor imensa escondida, pode ser tomado por esta tremenda força inconsciente e abusar de alguém sem sequer entender porque.

O abusador necessita de cuidados. É merecedor do amor divino e das pessoas tanto quanto a vítima. Esta é a única forma de curar. A punição através do sistema legal é necessária mas não é suficiente para garantir que estes eventos não se repitam.

Certa vez durante uma meditação me veio a cena do estupro. A imagem começou a se afastar e o abusador se transformou em uma estátua de pedra. A cena foi ficando ainda mais distante e agora a estátua de pedra era apenas uma parte minúscula de uma cadeia de enormes montanhas rochosas. Compreendi que um estupro não é algo pessoal. É um evento da natureza, como um tsunami.

Por trás de um estupro existe a escuridão que habita dentro e fora de nós. É uma força negativa aguardando o momento de ser transformada através da luz do amor e do perdão.

Meus cachorros



Tranque sua sogra e seu cachorro no porta-malas por 5 horas. Quando você abrir qual deles vai pular em cima de você e te lamber o rosto? Esta velha piada reflete a fidelidade e o amor que os cachorros tem pelo seus donos.

Embora eu nunca tenha sido o principal responsável por nenhum animal, tem vários cachorros que já passaram pela minha vida. Vou falar um pouco deles.

O primeiro cachorro que me lembro era o Peri, um vira-latas que corria cheio de energia pelo quintal. Ele tinha mais dois amiguinhos caninos que faziam uma bagunça e traziam uma enorme alegria.

Depois me lembro do Ringo, um pastor alemão traumatizado que não lidava muito bem com transeuntes. Talvez tenha mordido um ou dois carteiros, antes de ser doado. Ficou pouco tempo com a gente.

O Babalú era um fox paulistinha estressado. Além de não parar de latir, ele tinha uma estranha habilidade. Saltava na vertical a uma altura considerável sem precisar correr. Era como se tivesse molas amarradas em cada pata. Então ele ficava quicando como se fosse uma bola de basquete. Certa vez ele me atacou. Ou melhor, atacou meu tênis. Mas fiquei tão assustado que peguei a primeira coisa que encontrei e joguei nele. Era um pote de cola branca. A cola secou em cima dele e por um bom tempo ficou uma faixa de pelos espetados como se fosse um cachorro punk ou moicano.

Mas o cachorro principal foi o Jolly. Chegou em casa ainda pequeno, com o esquisito nome de Ricardão. Eu devia ter uns 6 anos de idade. Era um poodle preto médio bastante dócil. Aprendeu a buscar a coleira quando queria passear. Como não arranjamos namorada para ele, acabou se apaixonando por uma almofada de tricô que minha avó tinha feito e deixávamos no sofá da sala. Às vezes ele resolvia namorar com a almofada justamente quando

vinham visitas em casa. Era um vexame só. Morreu com 18 anos. Acompanhou toda minha adolescência. Fiquei muito triste quando ele se foi.

Mais recentemente tiveram o Bob e a Kira. Um casal de akitas que moravam no sítio. Eram bonitos e altivos. Ele parecia o urso polar da Coca-cola e ela parecia uma loba. Eles viviam harmoniosamente com as galinhas. Mas quando íamos ao sítio eles queriam mostrar serviço. Então quando estávamos na piscina chegou a Kira trazendo uma galinha viva pelo pescoço que morreu logo ali na nossa frente instantes depois. E a Kira toda orgulhosa de ter cumprido sua missão imaginária. O Bob não deixou por menos e saiu correndo atrás do galo que tentou até voar antes de partir para o céu definitivamente.

Refletindo sobre a convivência com estes cachorros, só tenho a agradecer. Eles nos ensinam, através da sua fidelidade, amor e amizade a sermos mais humanos.

Síndrome de Fadiga Crônica



Parecia uma gripe como tantas outras que tive na vida. Eu morava no Canadá, praticamente sem amigos e longe da família. Às vezes eu ficava bem triste com meu isolamento mas não conseguia mudar. Depois de uns dois meses alguns sintomas da aparente gripe persistiam. Me sentia sempre cansado, com dificuldade de respiração e tontura frequente. Procurei então uma médica que teve dificuldade de fazer um diagnóstico. Pedi uma série de exames. Achei estranho quando vi o recado da clínica na

caixa postal me chamando para uma consulta de emergência.

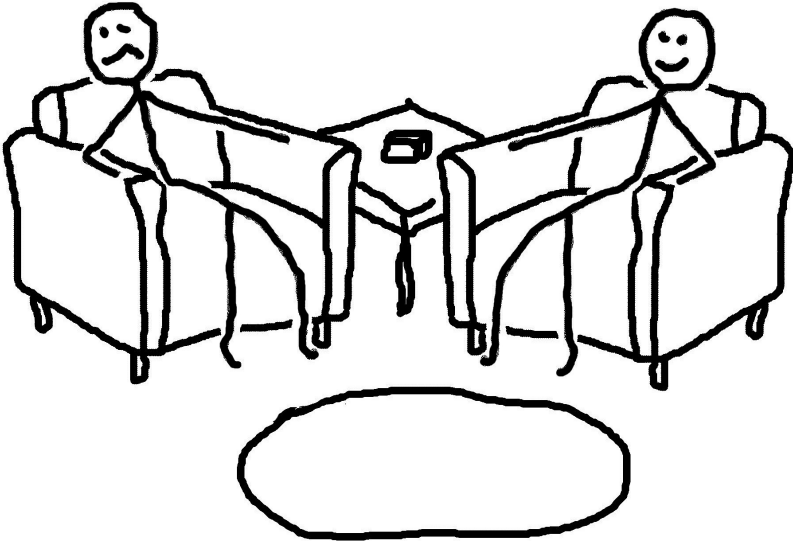
A médica apresentou o diagnóstico: Síndrome de Fadiga Crônica e disse para eu pesquisar mais detalhes na internet e voltar em uma semana para começar o tratamento. Fiquei muito chocado com o que li. A doença simplesmente não tinha cura. Eu me sentiria cansado pelo resto da vida. Eu já havia parado de correr, algo que fiz a vida inteira. E algo tão simples como subir um lance de escadas era exaustivo. Quando voltei ao consultório na semana seguinte ela me receitou vitaminas e um fitoterápico. Nada que fosse me curar.

Pesquisando sobre a doença, soube que meu caso era considerado leve. Existem casos em que a pessoa se sente tão cansada que passa a usar cadeira de rodas. Em casos mais severos ela nem sequer levanta da cama.

Quando voltei para o Brasil, procurei um psiquiatra. Um dos efeitos comuns da síndrome é a depressão. Tomei antidepressivos por 3 meses. Não senti diferença. Um dia eu estava brincando com meu sobrinho de correr em volta da mesa e para minha surpresa não me senti cansado como de costume. Aos poucos fui aumentando a distância que eu corria e percebendo como eu me sentia. Até que cheguei a conclusão que eu estava curado. Eu fui um dos 10% dos portadores da síndrome que se curam espontaneamente. Foram dois anos de doença.

Refletindo anos depois sobre este evento não me considere como uma vítima ou sendo castigado por Deus ou pelo destino. Encarei como um aviso, uma advertência: viva a vida na sua plenitude agora.

Uma vida em terapia



Fiz muita psicoterapia na vida. O primeiro terapeuta era um psiquiatra que costumava aparecer nos programas de tv. Fui lá pois estava desesperado e foi a indicação que consegui. Cobrava bem caro. Eu deixava quase metade do meu salário com ele. Na época me ajudou bastante. Depois passei para um grupo que ele coordenava com uma colega. Éramos em oito clientes. Certa vez na época de Natal o grupo fez uma festa de fim de ano. O terapeuta ficou em um bate-papo com uma das moças do grupo e os dois

bebendo whiskey. Praticamente acabaram com a garrafa. Os dois foram arrastados até a cama para descansarem e se recuperarem da bebedeira. Na sessão seguinte, a moça disse que não tinha mais condições de ficar no grupo pois não via mais o terapeuta como terapeuta. O grupo terminou implodindo e eu nunca mais voltei lá.

Anos depois procurei uma terapeuta junguiana. Ela era simplesmente linda. Nem conseguia me concentrar na sessão. A sala ficava no segundo andar de um sobrado. Ela vinha me recepcionar e depois subia a escada e eu ia atrás. Era um pouco embaraçoso pois a vista que eu tinha ao subir a escada era justamente da bunda dela que seguia na frente. Percebendo meu embaraço ela passou a me indicar para subir na frente dela. O foco era interpretação de sonhos. Ela entendia muito disso. Gostei desta fase mas não tocou muito fundo nas emoções. O momento mais interessante foi quando eu comentei que apareceu uma imagem de unicórnio numa meditação e perguntei para ela o significado. Ela respondeu que era uma grande coincidência pois ela tinha estudado o símbolo do Unicórnio alguns dias antes. Ele pode representar a comunicação com seres mais elevados, que era justamente o objetivo da meditação.

Depois fiz uns anos de psicodrama. A terapeuta tinha sido indicada por um grande amigo que fazia terapia com ela. Psicodrama é uma técnica que mais cedo ou mais tarde você será convidado a conversar com uma almofada. Foi um período bem produtivo. O meu amigo parou a

terapia e tempos depois indiquei a minha ex-terapeuta, a linda do Unicórnio, mas ele não gostou.

A terapeuta seguinte seguia a linha reichiana que é uma abordagem corporal. Mas de fato ela não gostava muito do trabalho corporal e só queria saber de conversar então acabei parando.

Depois voltei a fazer terapia com homem. Fizemos algumas sessões de respiração holotrópica. É uma técnica na qual se respira muito rápida e intensamente por mais de 20 minutos. Isto provoca uma hiper oxigenação do cérebro. Como consequência se muda o nível de consciência e se abre um universo de imagens e sensações. É literalmente uma viagem para outra dimensão. Como eu vivia me queixando de sentir meu corpo travado, ele me encaminhou para um colega reichiano.

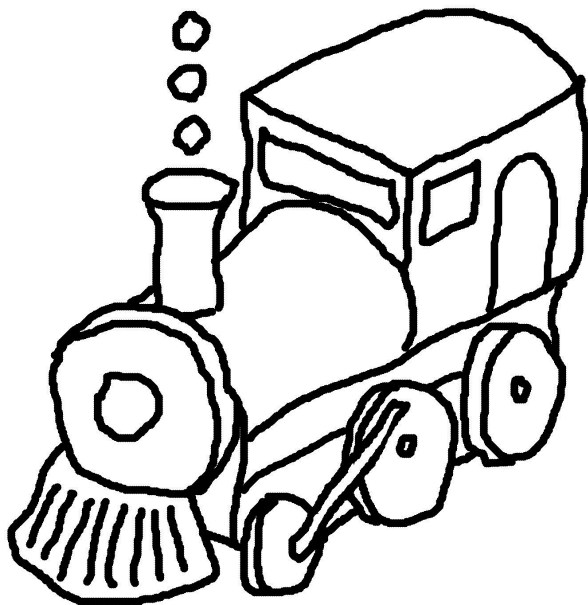
Dessa vez o terapeuta era realmente reichiano e a sessão era quase toda com exercícios corporais e respiratórios e quase não tinha conversa. Fiquei meses deitado em um colchonete dando socos, pontapés e berrando até ficar exausto. Aos poucos a couraça muscular que prendia meu corpo foi enfraquecendo. O trabalho continuou com uma técnica de toque sutil. Bastava um toque suave no braço ou na perna para ativar memórias profundas que estavam adormecidas. É uma técnica muito fascinante. Uma vez deitei no colchonete como de costume mas o terapeuta não fez os toques sutis que sempre fazia. Mesmo assim eu comecei a chorar e sentir

que eu estava sendo tratado. Na minha tela mental apareciam seres brilhantes enviando amor. E nada do terapeuta fazer os toques sutis. Quando terminou a sessão e antes que eu falasse qualquer coisa, o terapeuta falou que não pode fazer o trabalho comigo pois entidades espirituais já estavam me tratando.

Por fim fiz alguns meses de terapia com uma psicanalista que era especializada em transexualidade.

No total foram 7 terapeutas e 12 anos. Sou muito grato a todos. Se você tem condições de fazer, recomendo que faça. Se você acha que não tem nada para resolver ou melhorar em você, talvez esteja olhando na direção errada.

A cura do trenzinho



Eu morava, a mil metros da estação Davisville do metrô. A estação tinha uma arquitetura moderna contrastando com o visual antigo dos trens. Eu não me dava conta na época mas eu tinha fixação por trens. Não era um hobby e sim uma estranha atração. Da estação até meu apartamento era uma agradável caminhada pela rua arborizada com gramados enormes na frente dos prédios

residenciais. Durante boa parte do ano era quase impossível não encontrar alguns esquilos no caminho.

A dois quarteirões de onde eu morava havia uma loja especializada em trenzinhos. Vendia tudo que se possa imaginar para alguém que goste de trenzinho. Vendia incontáveis tipos de locomotivas, vagões de cargas e de passageiros. Vendia pontes, túneis, trilhos, estações inteiras, e todo tipo de vegetação, incluindo mini árvores de plástico e gramas sintéticas. Eu olhava tudo aquilo com certa desconfiança e achava aquelas pessoas muito esquisitas, sem perceber que eu era uma delas. Afinal o trenzinho era um brinquedo bem limitado, quase sem interação, eu pensava. Eu não entendia esta minha atração.

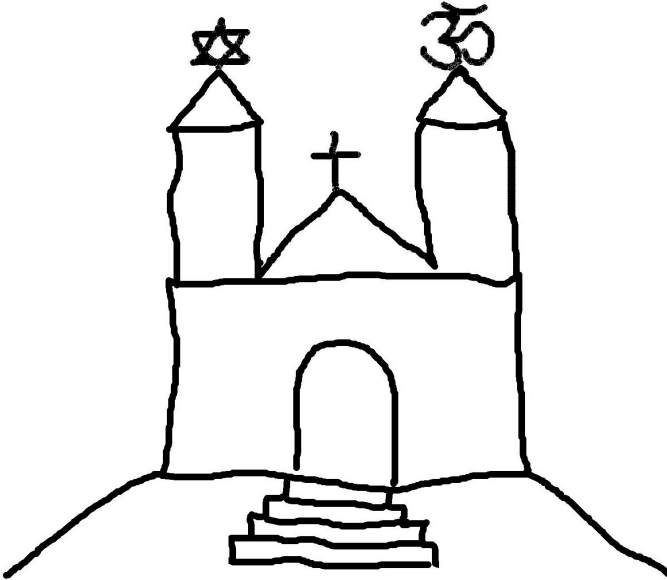
Às vezes eu sonhava com trens sem compreender. As experiências reais que eu tive com trens na infância se limitaram a uma viagem que fiz com a escola para Santos e uma visita com meu pai à estação de Franco da Rocha.

Mas então em uma sessão de terapia tudo se revelou. E de fato tinha uma história escondida. Ganhamos de um primo um trenzinho elétrico. Era usado mas em bom estado. Ele não brincava mais e nos deu. Era um brinquedo caro na época. E então eu estava ansioso para brincar com o trenzinho e aguardava que meu pai viesse brincar comigo. Mas quando ele chegou, cansado do trabalho, não teve disposição de brincar. E me senti muito abandonado. E a dor foi tanta que a escondi junto com todas as emoções nas profundezas do meu inconsciente. E

os trens passaram a atuar na minha vida como esta estranha atração.

Hoje olho para os pais espalhados por aí, com seus trabalhos extenuantes e seus celulares na mão e penso nos muitos trezinhos que precisarão ser curados.

Minhas religiões



Nasci em uma família judia. Meus pais e avós eram judeus. Fui educado em uma escola da comunidade, estudei hebraico, li a bíblia no idioma original, embora não tenha entendido quase nada.

Na faculdade li um famoso livro chamado “O Tao da Física” que traçava um paralelo entre o misticismo oriental e a física moderna. Fiquei muito fascinado. Foi a primeira vez que ouvi falar de estados alterados de

consciência. Foi quando comecei a me interessar por budismo. Era o começo de uma busca por compreensão e preenchimento espiritual.

Anos depois quando minha mãe estava muito doente fomos ao centro espírita. Me interessei tanto que comecei a ler bastante sobre isso. Kardec, Chico Xavier, Gasparetto.

Passei a ler também sobre os gurus indianos, especialmente Osho e Yogananda. Muito tempo depois lá estava eu sentado aos pés de um guru vivo. Fui para Índia duas vezes e passei a estudar hinduísmo.

Ingressei no Santo Daime onde recebi muita cura e esclarecimento. O Santo Daime é uma religião cristã que nos foi trazida por Nossa Senhora da Conceição. Então passei a sentir a presença de Nossa Senhora não apenas nas sessões mas em outras situações do dia a dia.

E Nossa Senhora me levou a Jesus Cristo e a Igreja Católica e comecei a frequentar as missas. Recebi um chamado do coração para conhecer Aparecida. Fui sem saber o que encontrar e na falta do que fazer fui as missas. Quatro no mesmo dia!

Neste ano ingressei na Umbanda. Fui porque uma sensitiva disse que eu tinha resgates a fazer lá. Ainda não descobri que resgates são esses mas sei que saio de lá sempre feliz. Estou no curso de desenvolvimento

mediúnico e espero um dia poder servir como médium.

Sou muito grato por todos estes caminhos. Cada um tem algo a acrescentar. Todos levam ao mesmo destino.

Deus e eu

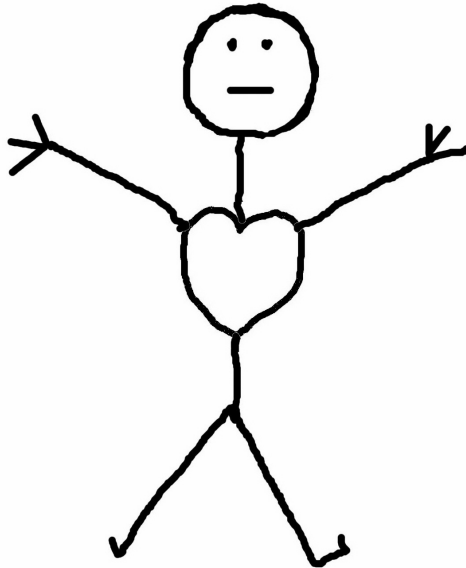


Eu carregava a imagem de um Deus autoritário e vingativo, pronto para me punir ao menor deslize. Então chegou uma hora que comecei a procurar uma religião em que Deus fosse mulher. Hoje sei que é tudo bobagem. Claro que Deus não é homem. E também não é mulher. Há muitos anos li em um livro uma ironia. “Deus é um ser invertebrado gasoso”. E no decorrer da vida fui tentando aperfeiçoar a minha experiência de Deus e limpando esta visão de ser um pecador temendo o castigo divino.

Na medida que comecei a praticar meditação com regularidade e a me curar das minhas feridas, fui melhorando minha percepção de Deus. Fui observando que em certos raros momentos, minha mente silenciava e eu era tomado de um súbito amor e felicidade. Nestes momentos, uma vez ou outra, acontecia algo diferente. Embora o mundo continuasse o mesmo de sempre, de repente, ele se tornava simplesmente perfeito. Mesmo coisas que alguns instantes antes eu pudesse achar errado ou injusto, neste momento de silêncio se tornavam parte da perfeição. Se eu fosse dar um nome para estas experiências certamente chamaria de encontros com Deus. Não apareciam anjos no céu, não se ouvia trovões, apenas esta percepção de perfeição imersa em amor e felicidade.

Hoje para mim é claro que uma pessoa que sente o perfume de uma rosa, que se comove com uma abelha pousada em uma flor, está muito mais próxima de Deus de quem sabe a bíblia de cor.

Amor infantil



Me lembro que na infância eu era uma criança boa e sensível. Me importava muito com o sofrimento dos outros e queria que ninguém sofresse. Certa vez vi meu irmão junto com um vizinho preparando uma armadilha para passarinho. Comecei a chorar e a falar entre lágrimas e soluços que o passarinho queria ser livre.

Eu me identificava imediatamente com as pessoas vítimas de injustiças. Mas o que uma criança de 5 anos de

idade pode fazer pela dor dos outros? Na ânsia de ajudar eu acabava atrapalhando. E as poucos fui me isolando, me sentindo cada vez mais impotente diante das mazelas do mundo. Até que me isolei totalmente. Criei uma espécie de bolha ao meu redor que me impedia de sentir a dor do outro. E até que funcionou. Assim eu podia ir levando a vida sem tanto sofrimento dos outros e meu mesmo.

Mas esta bolha também me isolava daquilo que era belo e vibrante. Então meu mundo que já tinha sido cheio de cores, ficava cada vez mais cinza. E fui seguindo, sem a dor mas também sem a alegria, por muito tempo. Até que uma dor diferente começou a se manifestar. Era a dor de estar vivendo menos que podia. Uma necessidade de mudar, de ser realmente feliz, batia a porta.

E desde então venho me conhecendo, me curando, me aceitando. Embora o mundo continue cheio de maldade e injustiça, hoje entendo que entrar no mesmo buraco das vítimas não resolve o problema nem delas e nem o meu. Para ajudar é preciso ter amor, discernimento, equilíbrio e poder. E estou desenvolvendo estas qualidades. Na infância eu tinha só um amor infantil.

No mundo das travestis



Eu fazia oficina de teatro de bonecos na biblioteca Monteiro Lobato com o respeitadíssimo Henrique Sitchin da Cia. Truks. No caminho eu passava pela rua Major Sertório e observava as muitas travestis que trabalhavam naquelas esquinas. Reparava especialmente numa casa que sempre tinha movimento de travestis na porta. Um dia li a placa na frente da casa e fui pesquisar na internet do que se tratava. Era uma instituição ligada à prefeitura que dava assistência e cursos para a população LGBT. Achei muito

interessante. Nesta época eu estava estudando para ser instrutor do Rio Aberto, uma escola onde se ensina técnicas envolvendo dança, música, expressão artística e meditação para ser aplicadas em grupo. Achei que seria o lugar perfeito para ser voluntário e oferecer estas técnicas.

A oficina de teatro de bonecos terminou e não passei mais naquela região. Mas ficou na cabeça a ideia de voltar um dia para oferecer o trabalho do Rio Aberto.

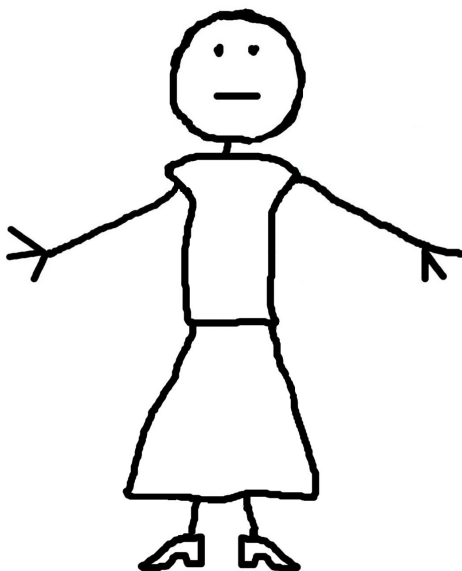
Passado talvez um ano, reconheci a minha própria transexualidade. Então compreendi porque aquele lugar no centro da cidade tinha me despertado tanta curiosidade. E decidi voltar lá, não para oferecer nada, mas sim para tentar me entender.

Cheguei na recepção e, enquanto aguardava a minha vez de ser atendido, mal pude disfarçar o meu olhar na direção de uma garota linda que também aguardava. Ela era esbelta, com longos cabelos loiros e olhos claros. Deve ser uma estudante da Faap fazendo alguma pesquisa para faculdade, pensei.

Preenchi a ficha na recepção e fui encaminhado para a psicóloga. Foi uma conversa muito acolhedora. Ela tirou muitas dúvidas que eu tinha e me convidou a frequentar o local e a trazer as roupas que eu quisesse vestir pois lá era um lugar que todos me respeitariam. Passei depois pela assistente social e saí de lá inscrito no curso de ioga e no de corte e costura.

Frequentei o centro por alguns meses. Foi um mundo novo para mim. Muitas das pessoas que eu encontrava lá eu não saberia dizer se eram homens ou mulheres. Várias profissionais que trabalhavam ali eram travestis. Outras trabalhavam na rua fazendo programas e vinham fazer os cursos e comer o cachorro quente com suco oferecidos no final de cada aula. As conversas informais dos frequentadores abordavam de tudo mas eu achava especialmente interessante os assuntos mais específicos: desde como não reagir a provocações na rua, a como mudar legalmente de nome, a fazer ou não cirurgia de mudança de sexo, etc. O que percebi atrás desta impressão inicial de estranhamento é que eram pessoas como eu, tentando aprender, se conhecer, se desenvolver e ser feliz. E quanto a linda estudante da Faap, tornou-se minha colega no curso de corte e costura, e não era realmente estudante da Faap. Para surpresa de todos da turma disse que era travesti e não estava pensando em operar.

Enquanto a saia não chega



Comprei uma saia pela internet. É de viscolycra, branca, longa, tamanho G. Eu não deveria estar preocupado nem ansioso enquanto ela não chega, mas estou. Quando chegar não terei mais desculpas. Serão meus desejos e meus medos, frente a frente. Mas enquanto espero, começo a chorar um choro estranho, diferente. É como se cada célula do meu corpo chorasse ao mesmo tempo. Consigo identificar que é um choro de medo. Um medo antigo que me prendeu por toda a vida. Um medo de

não ser amado, de ficar só e ser aniquilado. Bem pior que a morte.

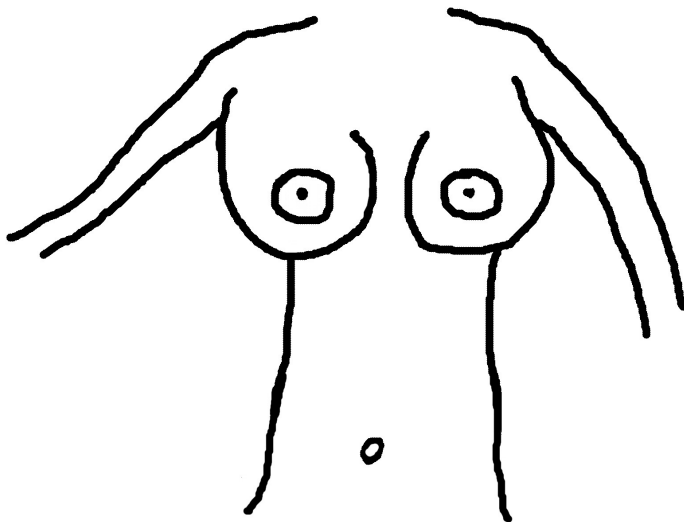
O medo nunca havia se revelado de forma tão transparente para mim. Ele é sempre astuto. Se disfarça de pensamento, de ponderação e até de bom senso. Mas desta vez se revelou sem disfarces. No fundo foi um presente de Deus.

Agora a saia já chegou. Ainda bem que veio mais longa que o necessário. Terei mais alguns dias antes que a costureira termine a barra. Mas para meu desconforto e contrariando as expectativas, ela promete para o final do mesmo dia. Informo que virei retirar no dia seguinte.

E então já estou com a saia em casa. E está do tamanho certo. Decido que vou usar a noite. A escuridão é minha última defesa. Visto a saia, uma camiseta e meus sapatos dourados de salto plataforma que outrora foram tão desafiadores.

Agora caminho pela rua. Estou feliz. Uma sensação agradável de que algo vai escorrendo pelo corpo e sendo deixado pelo caminho. A cada passo me sinto mais leve. Vai ficando para trás o medo, a vergonha e a culpa. Pela frente uma linda alameda de árvores floridas e perfumadas.

Vendo seios de silicone seminovos



Você tem o corpo que gostaria? Existem dois caminhos para se chegar lá. O primeiro deles é o seguido pelo Ken Humano. Se você não o conhece, vou apresentá-lo. O rapaz fez até o momento 63 cirurgias plásticas para ficar parecido com o Ken, cônjuge da Barbie. Na minha opinião ficou péssimo, mas o que importa é a opinião dele.

O segundo caminho não requer cirurgia. É um processo de autoaceitação. Ao invés de mudar o corpo

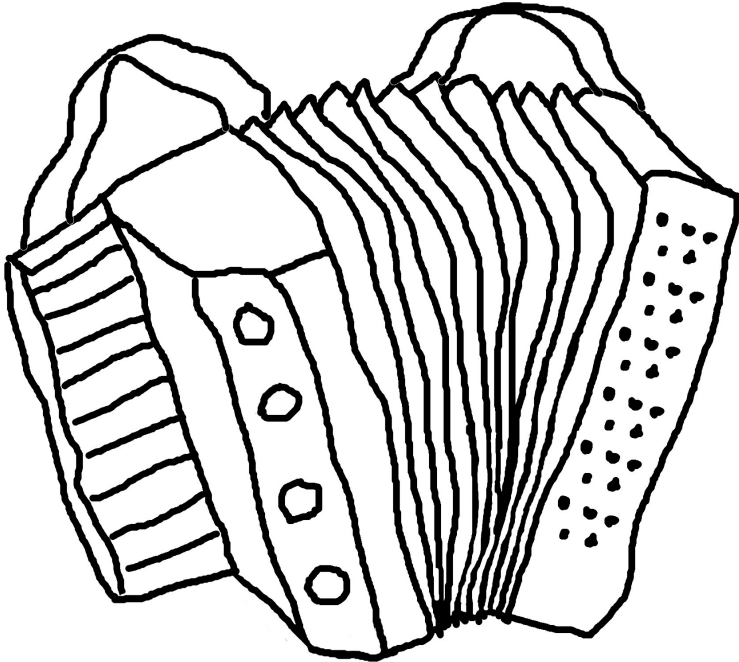
para que se aproxime daquilo que você considera ideal, você muda aquilo que considera ideal para que se aproxime cada vez mais do seu corpo como ele é. É um método de mudança interna, ao contrário do primeiro método.

No meu caso deu trabalho. Eu queria ter uma vagina mas não tenho. Ter uma implicaria em passar por três cirurgias complexas. E me custaria o pênis, que eu tenho bastante apego. Pois então tive que fazer um ritual de despedida da minha vagina que nunca tive. Passei pelo mesmo processo em relação aos seios. E apesar do título do texto, resolvi sem nenhum implante mas com muito choro.

Mas uma parte do corpo que ainda não consegui chegar a um acordo é a minha bunda. C-a-í-d-a! Me disseram que não era tão grave já que ainda tinha o que apertar, mas isto não me consolou.

Alguém tem o zap do Ken?

O sanfoneiro e Gisele



Eu estava em um retiro espiritual em uma fazenda do interior de Goiás. Na mala havia trazido várias batas. Elas eram bem largas e com estampas florais. Eram bem femininas. Eu havia comprado há algum tempo mas não tinha muita coragem de usar em São Paulo. O retiro era o lugar perfeito. Ainda que achassem esquisito me verem com a bata, certamente ninguém me incomodaria.

Vesti uma delas, coloquei um chapéu roxo que gosto

muito e fui caminhar. Decidi pegar uma trilha. Talvez um pouco por vergonha, talvez por querer desfrutar de um momento só com minha roupa. A trilha era estreita e deserta. Fui caminhando com a cabeça erguida, me sentindo orgulhoso da minha realização. Me sentia uma espécie de Gisele Bunchen do Cerrado. Ora olhava para o meu caminhar, ora contemplava a paisagem monótona com seus arbustos e árvores de pequeno porte. Já não se podia mais ver a sede da fazenda. Eu me sentia realmente em paz.

Aos poucos comecei a ouvir um som, que foi ficando cada vez mais claro. Era um instrumento musical. Ao me aproximar pude ver, um pouco fora da trilha, um sanfoneiro sentado em um banquinho tocando uma polca. Passei por ele sem cumprimentar e segui em frente.

Agora eu pensava no sanfoneiro e ria sozinho. Por que ele tinha ido até este lugar ermo para tocar? Talvez também tivesse vergonha. Talvez estivesse apenas esperando um homem com roupas femininas e chapéu roxo passar para ele começar a tocar.

Compreendendo a transexualidade



Nos últimos anos li e estudei bastante sobre transexualidade. Mas o que mais estudei foi a mim mesmo: memórias, desejos, sentimentos e fantasias. Neste auto estudo encontrei cinco possíveis explicações para a minha transexualidade. Não sei se isto serve para mais alguém mas de qualquer forma estou compartilhando.

A transexualidade como uma resolução imatura do Complexo de Édipo.

O Complexo de Édipo, descrito por Freud, consiste no desejo amoroso do filho pela mãe e da raiva em relação ao pai que a criança julga como rival. E a resolução consiste em aceitar a figura do pai temendo que se não o fizer poderá ser castrado como castigo. A resolução imatura seria se ver como menina para não ter que disputar com o pai. A castração neste caso seria desejável e não um castigo.

A transexualidade como uma espécie de fixação infantil no universo feminino.

A criança desejosa de experimentar o mundo e sem nenhum conceito estabelecido sobre gênero se depara com a repressão imposta externamente quando tenta experimentar situações e objetos atribuídos ao gênero oposto. Uma curiosidade passageira, na medida em que é reprimida de forma inadequada pelos cuidadores, gera uma fixação neste universo negado.

A transexualidade como um carma para compreensão da luxúria.

Consiste em uma situação na qual a pessoa deseja ter um órgão sexual mas tem o oposto. Existe um nítido conflito entre desejo e possibilidade de realização. Este conflito deveria levar a uma reflexão profunda de como o sexo deve ser vivido.

A transexualidade como desejo ancestral não

realizado.

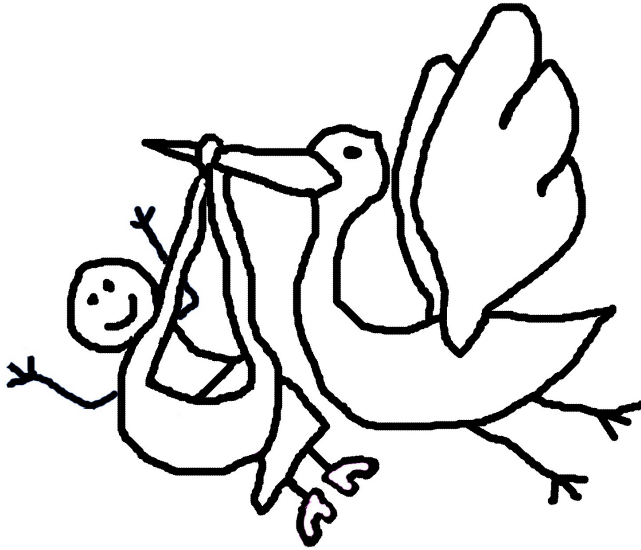
Neste caso a transexualidade é herdada de algum ancestral que não pode viver o seu desejo de expressão do gênero oposto. Esta explicação não ajuda a entender o caso de transexualidade original mas ajuda a própria pessoa.

A transexualidade como manifestação do desejo dos pais por uma criança do sexo oposto.

A criança capta através da sua sensibilidade o desejo dos pais de terem uma criança do sexo oposto e age de acordo. Isto ocorre mesmo que os pais neguem este desejo verbalmente ou conscientemente.

Estas condições não são excludentes. Muito pelo contrário, podem ocorrer simultaneamente. Quando escrevi esta lista pela primeira vez, haviam três itens apenas. Portanto é um trabalho em andamento.

O nascimento de Holi



O nascimento de Holi foi meio que de surpresa. Aconteceu em uma sessão de terapia quando me recordei de uma cena da minha infância. Eu estava no banheiro do clube com minha mãe. Eu queria fazer xixi sentado na privada e minha mãe me explicava que menino fazia xixi em pé. E então eu me retrai e falei com muita dor: mãe eu sou menina! Foi com esta memória que aceitei minha transexualidade. A vida havia me dado tantas dicas e eu insistia em não ver. A mais curiosa delas tinha acontecido

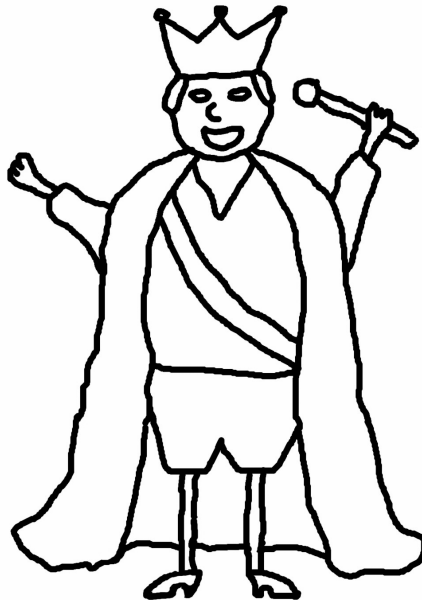
um ano antes dessa recordação. Eu estava na Índia. A dona da pousada chegou para mim e disse: recomendo que leia este livro. É minha tese de doutorado. É sobre travestis. Interessante que ela falou a frase inteira em inglês, mas travesti ela falou em alto e bom português. E eu peguei o livro e subi as escadas chorando em direção ao quarto, sem entender nada.

Mas voltando naquela sessão de terapia, comecei a refletir que o Roberto era apenas um personagem para agradar aos meus pais e assim receber amor. Portanto estava na hora de eu resgatar minha identidade feminina que eu havia abandonado na infância. E para isto eu precisava de um novo nome. Depois de pesquisar um pouco escolhi Holi. É o nome do Festival das Cores, comemorado na Índia. Tem um simbolismo que representa a vitória do Espírito sobre a matéria. E também era muito parecido com meu apelido de criança. Nesta época eu estava começando a pintar e assinava os quadros com meu novo nome.

Então comecei a pedir para que me chamassem de Holi. Ficava me imaginando uma travesti modernosa e empoderada com roupas coloridas super chamativas. Mas o fato é que eu não dava conta de ser a imagem que eu havia criado. E isso me gerava cobrança, frustração e estresse. Até que percebi que eu havia criado outra personagem. Se Roberto era uma máscara para agradar aos meus pais, Holi era outra máscara para agradar aquela criança cheia de dor e que queria ser vista a qualquer

custo. Então parei de pedir que me chamassem assim até que eu pudesse me expressar a partir da minha essência, do meu coração e não da minha cabeça.

A princesa inacabada



Trago memórias felizes e tristes da infância. Mas trago também vagas lembranças. Histórias que eu acho que aconteceram mas não tenho certeza absoluta. Uma dessas histórias é da princesa inacabada.

Eu gostava muito de desenhar. Criança gosta mesmo de desenhar. Mas no meu caso era mais importante do que uma distração que os pais arrumam para os filhos. Para mim era a forma de expressão que eu dispunha. Sem poder

me vestir ou ser uma menina, era no desenho que eu me realizava. Então eu desenhava princesas lindas com suas roupas sofisticadas e coroas brilhantes. Até que me perguntaram quem eram aquelas princesas. E eu disse que era eu. E assim não pude mais desenhar princesas. Elas ficaram inacabadas.

O gosto pelo desenho me seguiu pela vida, muitas vezes se confundindo com vocação profissional, mas nunca mais desenhei princesas.

A cerca de dois anos eu estava fazendo um curso de Psicologia Positiva, que é a área da psicologia que estuda a felicidade. E me veio um insight. E se eu usasse o meu talento artístico para fazer as pessoas mais felizes? Fiquei pensando um tempo sobre este assunto até que lembrei que todo mundo se conecta com desenho infantil. Então decidi que eu pintaria, na tela, como aquela criança que desenhava no papel.

Fiz vários estudos até encontrar este jeito infantil de me expressar. E quando fui pintar a primeira tela, o que surgiu, espontaneamente, com beleza e força, foi a princesa inacabada que eu havia abandonado no passado e que ilustra este livro.

No tempo que me resta dessa vida, talvez minutos, talvez décadas, vou aprimorando a minha princesa, por dentro e por fora.

Considerações finais

Desde o dia em que aquela menina da minha infância decidiu virar menino até o dia que compreendi que sou transexual se passaram mais de 40 anos. E já são mais cinco anos para que eu me aceite do jeito que sou. E nem acho que terminou ainda.

Quando fico triste por tanto tempo que se passou, fecho os olhos, respiro fundo e me conecto ao meu coração. E o que sinto é uma imensa gratidão por tudo que vivi e estou vivendo.

Para acompanhar o meu trabalho acesse:

Web – holi.art.br

Facebook – facebook.com.br/roberto.tannenbaum

Instagram - [@holi.art.br](https://www.instagram.com/holi.art.br) e [@roberto.tannenbaum](https://www.instagram.com/roberto.tannenbaum)